



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/19386>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v19i32.19386>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | v. 19 | n. 31 | Jan-Jun, 2025

Submissão: 30/06/2025 | Aprovação: 30/06/2025



OLHARES E SABERES OUTROS, MOVIMENTOS, TEORIAS E PRÁTICAS SOCIAIS, CULTURAIS E MUSEAIS

ALTERNATIVE PERSPECTIVES AND KNOWLEDGES: MOVEMENTS, THEORIES, AND SOCIAL, CULTURAL, AND MUSEOLOGICAL PRACTICES

Diogo Jorge de Melo  

Universidade Federal do Pará - UFPA¹

Maria Terezinha Resende Martins  

Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém - SEMEC²

Álvaro Campelo Martins Pereira  

Universidade Fernando Pessoa – UFP³

André Villa

Universidade Paris 8⁴  

Resumo: A concepção desse dossiê se estabelece a partir da ideia de *movimento*, que interligamos simbolicamente às trombas d'águas, uma espécie de furacão formado por água e vento. Aspecto que nos direcionou para as mitopoéticas amazônicas, como a cosmologia do *Girador* da pajé Zeneida Lima e diversas concepções sobre a *Cobra Grande*. Pensamos em vórtices, poeticamente capazes de interligar mundos e existires. Deste modo, as perspectivas apresentadas nesse dossiê se articulam a partir de diálogos com aspectos culturais, patrimoniais/fratrimoniais e principalmente museais. Configurando um debate a partir de olhares e *saberes outros*, em prol da diversidade cultural e travando embates com o dito sistema mundo. *Movimentos* que aqui se configuram como uma categoria que desestabiliza e transforma, que nos leva para lugares distintos e nos possibilita distintas visões de mundo.

Palavras-chave: Cultura, Museologia Social, Decolonial, Patrimônio

Abstract: *The conception of this dossier is established based on the idea of movement, which we symbolically link to waterspouts, a type of hurricane formed by water and wind. An aspect that led us to Amazonian mythopoetics, such as the cosmology of the Girador of the shaman Zeneida Lima and various conceptions about the Cobra Grande (Big Snake). We think of vortices, poetically capable of interconnecting worlds and existences. Thus, the perspectives presented in this dossier are articulated based on dialogues with cultural, heritage and mainly museological aspects. Setting up a debate based on other perspectives and knowledge, in favor of cultural diversity and engaging in confrontations with the so-called world system. Movements that are configured here as a category that destabilizes and transforms, that takes us to different places and allows us to have different worldviews.*

Keywords: Culture, Social Museology, Decolonial, Heritage

¹ Doutor em Ensino e História e Ciências da Terra pela UNICAMP e em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO/MAST. Atua no curso de Bacharelado em Museologia, no Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, identidades e Educação (PPGCITE) e no Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Educação, todos da UFPA. Email: diogojmelo@gmail.com

² Pós-doutorado em Gestão e Acervo de Ecomuseus-UFP-Porto/PT (2016); Doutora em Gestão Integrada de Recursos Naturais. Membro do Conselho Internacional de Museus-ICOM e do Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus-CGSBM/IBRAM. Atualmente é presidenta da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários-ABREMC. Email: mtrmartins@yahoo.com.br

³ Doutor em Antropologia pela Sorbone, Paris IV. Professor da Universidade Fernando Pessoa no Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA.). Email: campelo@ufp.edu.pt

⁴ Doutor em Estéticas, Ciência e Tecnologia das Artes pela Universidade Paris 8. Professor do Departamento de Música, Laboratório Musidanse da Universidade Paris 8. Email: avandrevilla@gmail.com

APRESENTAÇÃO

A concepção provocativa desse dossiê surgiu a partir da ideia de *movimento*, que logo interligamos com um fenômeno natural que acontece entre os rios e a atmosfera na região amazônica, que são as trombas d'águas. Estas, se configuram em uma espécie de furacão formado por água e vento. Tal fenômeno natural nos fez pensar em possíveis mitopoéticas regionais, possivelmente associadas a esse fenômeno e logo nos direcionamos à cosmologia da pajé marajoara Zeneida Lima, que nos fala sobre o *Girador*, conforme foi descrito em uma reportagem do jornal O Liberal de 08 de março de 1998, onde encontramos:

[...] no início, o mundo era só água. Um dia chegou o Girador, trazendo Auí, que era um ser luminoso, o primeiro homem marajoara. O Girador disse para Auí construir sete cidades em cima da água e pediu para Auí nunca olhar para dentro do redemoinho, mas ele não obedeceu, porque tinha curiosidade de saber como era feito o Girador. Quando ele olhou, foi tragado para o fundo junto com as sete cidades e seu povo. Anhangá foi liberada e trouxe para terra a ganância, o ódio, toda maledicência. A cabeça de Auí foi dividida em três, formando os reinos vegetal, mineral e animal. O mundo foi dividido em o mundo dos encantados e mundo dos viventes, e o Girador teve que criar uma força para reger o mundo dos encantados. Foi criado um deus menor que é o Patu anu. (O Liberal, 8 de março de 1998 *apud* Maués; Villacorta, 2001, p.45)

9

Devemos destacar que, trombas d'águas ou redemoinhos se constituem em vórtices que poeticamente interligam mundos e existências que aqui nos permitiu unir conceitualmente diversas compreensões de mundo e conseqüentemente originaram esse dossiê. Juntamos poeticamente ao *Girador*, uma guardiã, no caso, uma *Cobra Grande*, uma personagem amplamente conhecida por toda Amazônia. Criamos assim, a proposta germinativa e ilustrativa deste compêndio de textos acadêmicos, que foi materializada no desenho do artista plástico e museólogo Wem (Wemerson Cardias Barreto), imagem que pode ser apreciada na capa do dossiê e na figura 1.

Adentramos assim na proposta teórica e provocativa deste dossiê - *Olhares e saberes outros, movimentos, teorias e práticas sociais, culturais e museais* - perspectiva a qual se articularam todos os trabalhos aqui apresentados, sobretudo em diálogos com aspectos culturais, patrimoniais/fratrimoniais⁵ e museais. Destacamos que, ao nos referirmos aos olhares e *saberes outros*, os compreendemos como a constituição de práticas e exercícios epistêmicos realizados em prol da complexidade que integra a diversidade cultural. Uma acepção abordada como um agente ao

⁵ Conceito que busca evidenciar relações mais relacionais e afetivas, assim como romper com a estrutura patriarcal do termo *patrimônio* (Melo; Faulhaber, 2021).

embate daquilo compreendido como sistema mundo⁶, que contextualizou as estruturas das colonialidades como um padrão monológico referenciado.

Figura 1 - Tromba d'água registrada em Outeiro, município de Belém no Pará, em 26/07/2025. Ilustração de Wem do Girador se constituindo como uma tromba d'água e dele surgindo sua guardiã, a Cobra Grande.



Fonte: Site do G1 Pará, 26/07/2025. Ilustração de Wem Cardias, 2024⁷.

10

Nesse sentido, destacamos os apontamentos de Britto, Melo e Monteiro (2023), autores que falaram de possibilidades museais, na busca de diferentes formas de pensar e compreender o “devir outro”, principalmente no contexto amazônico, almejando o estabelecimento de um sonhar para com o futuro, “reconhecendo potencialidades e, principalmente, singularidades viáveis para o dito fenômeno museal” (p.45). Nesse aspecto, buscamos posicionamentos críticos às estruturas coloniais e imperialistas, principalmente nos trazendo possibilidades epistêmicas.

Exaltamos os *movimentos* como uma categoria que desestabiliza, na busca de transformações, nas projeções de devir, de possibilidades. Principalmente somando às perspectivas de caráter decolonial, as quais consideramos como *movimentos* serpentiformes, em analogia às mitopoéticas da *Cobra Grande*, causadoras de tremores físicos e por que não epistêmicos em muitas cidades amazônicas. Esses movimentos possibilitam sinuosidades, emaranhamentos e constrições os quais nos levam para lugares de instabilidades ou estabilidades oscilantes, permitindo a nossa locomoção

⁶ Conceito do sociólogo Immanuel Maurice Wallerstein, amplamente utilizado pelos estudos decoloniais (Quijano, 2005).

⁷ <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/07/26/tromba-dagua-surpreende-banhistas-em-praia-em-distrito-de-belem.ghtml>

em distintos meios. Já que os centros e as *margens* sempre se abalam a partir destas movimentações, mesmo que de formas distintas.

Almejamos problematizar relações díspares entre as visões colonialistas e imperialistas com o próprio processo decolonial, já que não podemos ficar dependentes de um único posicionamento. Justamente escutando a voz dos povos de origem e outras identidades étnicas, além de questões de gênero e raciais, é que aprendemos a nos movimentar. Assim, para somarmos lugares de fala⁸ às possibilidades argumentativas deste processo, para a promoção de debates críticos aos diversos aspectos de dominação, sem a imposição de teorias e discursos elitistas pré-determinados - muitos deles advindos de fora da sua própria experiência. Todas essas possibilidades, foram vislumbradas na proposta deste dossiê da Revista Margens e do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidade e Educação da Universidade Federal do Pará (PPGCITE-UFPA), principalmente por ocupar um lugar social e acadêmico diferenciado, primordialmente por serem geridos no território amazônico.

11

Tripulamos assim a nossa *Cobra Grande*, que se configura em uma grande embarcação de ideias, de aportes teóricos e práticos, pois ela se constitui tal como a *Cobra-Canoa*, animal-objeto-útero que gestou a humanidade, que distribuiu os diversos povos originários pela Amazônia, conforme cosmologias indígenas, como a dos Tukanos (Andrello; Vianna, 2022). Temos assim, em nossa *Cobra-Canoa*, um primeiro núcleo de trabalhos, que se debruçam especificamente sobre questões que implicam sobre a Amazônia e a Museologia.

O primeiro trabalho do dossiê é o de Karla Cristina Damasceno de Oliveira e Luiz Carlos Borges, intitulado - *Por uma Museologia da libertação: aproximações de Giovanni Gallo com a Mesa Redonda de Santiago e a Teologia da Libertação* - artigo que versa sobre o pensamento museal de Padre Giovane Gallo, fundador do Museu do Marajó, foi detentor de uma acepção museal singular que possuía fortes relações com o pensamento freiriano e a Teologia da Libertação. Seguindo essa linha freiriana na Museologia, temos o trabalho de Silvilene de Barros Ribeiro Moraes - *Museologia, movimentos sociais e o movimento de Paulo Freire: entrelaçando concepções e práticas em um museu comunitário* - a autora traz sua experiência com o Museu Movimento LGBTI+ no Rio de Janeiro, onde defende o museólogo como um trabalhador social. Voltando novamente para as questões amazônicas, Ana Cristina Silva Souza, Diogo Jorge de Melo, Gisele Nascimento Barroso e Lidiane da Costa Monteiro, no trabalho - *Naraguassu Pureza uma pajé museal e educadora social na cidade de Belém* - defendem que Naraguassu Pureza, uma mulher afuaense (marajoara), pajé e

⁸ Conceito desenvolvido no âmbito do feminismo negro (Ribeiro, 2017).

educadora social, que hoje vive na cidade de Belém, é um verdadeiro fenômeno museal. Ela carrega consigo saberes de suas ancestralidades afro-indígenas e milita por meio de suas performances na cidade de Belém. Cabe destacar que ela teve uma forte relação com Paulo Freire por intermédio do Padre Bruno Sechi, fundador do Movimento do Emaús, que atuou em prol das crianças de rua.

Adentramos em outras questões museais, ligadas a diversas outras acepções sociais, que trazem experiências práticas e genuinamente amazônicas, como no artigo de João Gabriel Pinheiro Huffner e Maria Terezinha Resende Martins - *O desafio de integração das comunidades locais a partir dos Ecomuseus: uma experiência na Amazônia Paraense* - no qual discorrem sobre a integração das comunidades locais, como as instituições museais amazônicas, com destaque para as experiências da implantação do Subsistema de Educação e Cultura para o Desenvolvimento Sustentável, o qual foi a base para a criação do Ecomuseu da Amazônia e do Ecomuseu de Belém. Temos também relatos de experiências de educação museal e práticas sociais no trabalho de Gisele Nascimento Barroso, Cássio Alexandre Souza dos Santos, Diogo Jorge de Melo e João Colares da Mota Neto, intitulado de - *Concepções e práticas decoloniais do Museu Surrupira: uma discussão teórica a partir das práticas da 18ª Primavera de Museus em Bujaru (PA)* - que interligam práticas da museologia social com ações extensionistas, realizadas por meio do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas em cooperação com o Fórum de Museus da Amazônia. Seguindo esse direcionamento, o trabalho de Maria das Graças da Silva, Maria Terezinha Resende Martins e Rodrigo de Cássio da Silva - *Memórias mobilizadoras de diálogos com experiências de Educação Museal: relatos e aportes teóricos entre saberes tradicionais e científicos* - destacam debates sobre movimentos político-acadêmicos e a educação museal, partindo de experiências de saberes tradicionais e científicos pautados em ações de extensão e práticas sociais, as quais se constituem em *cartografia de saberes*, a partir da experiência do Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente (GRUPEMA) do Programa de Pós-Graduação em Educação da universidade do Estado do Pará.

O trabalho de Gabriela de Lima Gomes e Julia de Assis Ferreira Silva - *Desafios da paisagem cultural e da Museologia Social na preservação de patrimônios comunitários: a vivência na Associação Galpão Cultural Sinhá Olímpia* - se destaca por apresentar relações entre um projeto de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto junto a Associação Galpão Cultural Sinhá Olímpia. Os autores ressaltam aspectos da paisagem cultural e da museologia social em prol da preservação de patrimônios culturais. Joélia Walter Sizenando Balthazar e Geraldo Milioli em - *Natureza e sociedade e as contribuições dos ecomuseus e museus comunitários no Brasil para uma governança participativa* - destacaram reflexões sobre ecomuseus enquanto modelo de governança participativa,

reconhecendo que estas instituições se interpõem aos aspectos relacionais existentes entre sociedade e natureza, assim como questões de (re)apropriação espacial. Álvaro Campelo em seu artigo - *O Museu do Sargaço, em Apúlia: abertura para habitar a paisagem* - apresentou aspectos de uma museologia lusófona, abordando o Museu do Sargaço em Apúlia, Portugal, a partir de onde teoriza utilizando-se das perspectivas do *habitar a paisagem* e do *museu-oikos*. Encerrando esse primeiro eixo, temos o trabalho de Marla Michelle Nascimento Portela do Prado, com seu artigo intitulado - *A fermentação de uma museologia crítica no Brasil* – no qual aborda o Museu de Arte de São Paulo (MASP) por meio da museologia crítica, entendida como uma postura reflexiva e contextual de museus tradicionais em processos museais de valorização da diversidade e da transformação social.

13

Ao longo do corpo de nossa *Cobra-Canoa*, contemplamos a expansão de pensamentos, que vão para além da Museologia e das questões amazônicas, temos nela outras diversidades de abordagens. Encontramos o trabalho de Letícia Peixoto Silva e Priscila Faulhaber Barbosa, intitulado - *Pelas ruas, igrejas, becos e festas: trilhando caminhos patrimoniais na cidade de Brumadinho/MG* - que compreende, o município em questão, afetado pelo rompimento da barragem de Brumadinho em 2019, como uma comunidade múltipla onde práticas sociais se constituem como formas de patrimonialização em modos afetivos. Por sua vez, Rainer dos Santos Silva, Magnus Luiz Emmendoerfer, Elias José Mediotte e Débora Regina Schneider Locatelli, trazem mais uma questão amazônica, abordando aspectos da economia criativa no Festival Folclórico de Parintins no Amazonas, onde pensam estratégias de fomento no trabalho - *Placemaking como instrumento de economia criativa: estudo de caso a partir do Festival Folclórico de Parintins (AM)*. No artigo - *Bater de frente com a sociedade: relações dialógicas entre Orfeu Negro e Renascença Clube* - de Beatriz Gonçalves Mariano, Alexandre de Carvalho Castro, Aline da Fonseca Sá e Silveira e Maria Cristina Giorgi, os movimentos sociais emergem de uma perspectiva histórica do movimento negro, na qual o pensamento de Mikhail Bakhtin é utilizado como instrumento de análise dialógica, pensando na constituição de discursos de resistência negra e seus entrecruzamentos de enunciados. Temos aqui também uma perspectiva nordestina, apresentada por Cristiano Silva Cardoso no artigo - *Arte, patrimônio, acontecimento: formação e incidência dos territórios de resistência em Feira de Santana Bahia*, o autor utiliza como base o texto em que Dante Galeffi - *Arte Como Território de Resistência: uma perspectiva polilógica* - para abordar questões patrimoniais e as práticas artísticas urbanas de Maristela Ribeiro e Luciano dos Anjos. Por fim, encerrando ou melhor, reiniciando o nosso ciclo de pensamentos, assim como a *Serpente Arco-Íris*, a qual morde o próprio rabo, representando a renovação dos ciclos, mitopoética que chegou na amazônia pela diáspora negra

africana, também conhecida por *Oxumaré* ou *Dangbé* (Figura 2), temos assim o trabalho - *A tecnologia da imagem e do som a serviço da etnografia* - de Luiz Adriano Damimelo e André Villa, que realizou um panorama histórico das tecnologias de processos de registros visuais e sonoros em pesquisas etnográficas, com um olhar acurado para a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938, liderada por Mário de Andrade, a qual registrou e deixou um forte legado da cultura brasileira. Nesse aspecto, o movimento se constitui por meio do aperfeiçoamento tecnológico e técnico se alinhando como processos de registro e constituição de memórias.

Figura 2 – Baixo relevo do Palácio Real do Daomé representando a Serpente Arco-Íris, vodum Dan ou Dangbé, que na diáspora foi também associado ao orixá Oxumaré, dentre outras divindades, muitas delas cultuada no Tambor de Mina, dentre outros segmentos afro-amazônicos.



Fonte: Imagem retirada de Piqué e Rainer (1999).

Ao longo do dossiê, buscamos expandir as questões dos movimentos sociais, serpenteando e conduzindo saberes, dialogando com pensamentos contemporâneos na busca por rompimentos estruturais em âmbito social, político, filosófico e epistêmico. Por isso, acreditamos ter configurado em uma proposta que estabelece conexões com diversos e complexos saberes em torno de questões culturais, museais e outras circunscrições. Assim como, no âmbito artístico, poético e estético, na busca por possibilidades das *escrevivências*⁹, nos permitindo realizar escritas *a contra pelo*, como nos diria Walter Benjamin (1996) ou a partir de um *programa de desordem absoluta*, conforme nos apontou Françoise Vergès (2023). Buscamos aqui, novas formas de pensar os museus e manifestações culturais e institucionais, como as proposições vinculadas à Museologia Social ou Sociomuseologia,

⁹ Referência ao conceito da escritora Conceição Evaristo, a partir do termo utilizado em seu livro “Becos da Memória”. Compreende que histórias são inventadas quando são contadas, mesmo as reais, logo, o ato de escrever significa contar histórias que remetem a experiências coletivizadas, integradora entre autora, protagonista e seus marcadores sociais (Soares e Machado, 2017).

assim como as acepções das Museologias Comunitárias, Indígenas, Quilombolas, Negras, Ribeirinhas, LGBTQIA+, Amazônidas, dentre muitas outras possibilidades.

Vislumbramos assim outras possibilidades. Acreditamos que nosso trabalho não se encerra aqui, pois compreendemos o dossiê como um vórtice ou um tremor, provocador de renovações e possibilitador da existência de novos ciclos. Agradecemos assim a todes, todas e todos, autores, avaliadores, artistas visuais, bolsistas e toda a equipe editorial da Revista Margens, do PPGCITE-UFPA e do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas, pelo resultado desse trabalho coletivo, que foi a consolidação desse dossiê. Desse modo, o apresentamos para a sociedade, acreditando que esse foi um exercício acadêmico que possibilitará e incentivará novos processos intelectuais e práticos, que nos ajudarão a sonhar e adiar o fim do mundo, como nos alerta Ailton Krenak (2017). Uma vez que os espaços museológicos e outros correlatos devem ser livres, sendo sempre críticos e políticos capaz de gestar lugares de possibilidades, de sonhos, de interpretações e de criações, visando autonomias e empoderamentos não (pré)determinados, pois, a suposta estratégia de libertação não pode construir outros sistemas de dominação a serem impostos.

15

REFERÊNCIAS

ANDRELLO, Geraldo; VIANNA, João. A humanidade e seu(s) gênero(s): mito, parentesco e diferença no noroeste amazônico. *Revista de Antropologia*, v. 65, n. 1, p. e192786, 2022.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRITTO, Rosangela; MELO, Diogo Jorge de; MONTEIRO, Lidiane da Costa. “Museu é o mundo”: um devir outro dos museus da Região Amazônica. In: BRITTO, Rosangela; MELO, Diogo; GOMES, Luzia; POLARO, João. *Outras narrativas sobre museus: contribuições da Amazônia paraense para os debates sobre a nova definição de museu do Conselho Internacional de Museus (ICOM)*. Belém: Programa de Pós-graduação em Artes / UFPA, 2023, p.41-50.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MELO, Diogo Jorge de; FAULHABER, Priscila. Considerações sobre o conceito de patrimônio. In: MAGALHÃES, F.; COSTA, L. F.; HERNÁNDEZ, F. H.; CURCINO, A. (Orgs.). *Museologia e Patrimônio*. Volume 8. Lisboa: Instituto Politécnico de Leiria, 2021, p. 213-233.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. Pajelança e encantaria amazônica. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). *Encantaria brasileira*. Rio de Janeiro: ed. Pallas, 2001, p.11-58.

PIQUÉ, Francesca; RAINER, Leslie H.. *Palace sculptures of Abomey: history told on walls*. Los Angeles: Getty Conservation Institute e J. Paul Getty Museum, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, v.17, n.39, 2017, p. 203-219.

VERGÈS, Françoise. *Descolonizar o museu: programa de desordem absoluta*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.